

Grupos Rurais no Espaço Urbano:

A Constituição de *Pedaços* Rurais no Centro da Cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul¹

*Maurício Dias Schneider*²

*Renata Menasche*³

RESUMO

Em um contexto em que cresce a mobilidade – tanto material quanto simbólica – entre campo e cidade, encontramos estabelecimentos de alimentação (bares e restaurantes) no centro da cidade de Pelotas (RS) frequentados, majoritariamente, por camponeses, que vêm periodicamente à cidade, com o intuito de consumir produtos e serviços não encontrados no meio rural. Tais estabelecimentos localizam-se junto aos terminais de ônibus que ligam zona urbana e zona rural e fazem parte do trajeto realizado pelos agricultores na cidade, constituindo-se em pontos de chegada e também de partida, ou, como nos propomos a analisar, em *pedaços* rurais no coração da cidade. A partir da observação participante, procurou-se entender como se dão as práticas de sociabilidade em espaços associados à alimentação dos sujeitos rurais em meio a um contexto urbano, bem como, de forma mais geral, apreender as trocas culturais realizadas entre campo e cidade.

Palavras chaves: campo-cidade, *pedaços* rurais, espaço urbano, fronteiras culturais

1. Artigo submetido ao IX Graduação em Campo – NAU/USP. São Paulo, 24 a 27 de agosto de 2010.

2. Graduando do Curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

3. Doutora em Antropologia Social. Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), vinculada ao Bacharelado em Antropologia e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais; Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS).

INTRODUÇÃO

No centro da cidade de Pelotas, durante todo o dia, transportes coletivos circulam, realizando, entre outros, os trajetos entre a zona urbana e a zona rural deste município. Nesses ônibus, chegam e partem centenas de agricultores, que vêm para a cidade consumir determinados produtos que não podem encontrar no meio rural. A maioria vai embora ao final do dia, voltando à sua vida no campo e só retornando à cidade após vários dias, outros tantos retornam somente no mês seguinte.

Tais sujeitos rurais, que periodicamente fazem o trajeto até a cidade, são moradores das colônias⁴ do município e possuem origens étnicas diversas, sendo descendentes de imigrantes italianos, franceses, alemães e pomeranos⁵. Desse modo, possuem referências culturais diversas daquelas encontradas entre significativa parcela dos moradores da área urbana de Pelotas, referências culturais ligadas não apenas à vida no campo como também a tradições diversas, consonantes com as várias origens étnicas.

Ao passarem o dia na cidade, esses agricultores acabam realizando suas principais refeições nos estabelecimentos situados junto aos terminais de ônibus que fazem os trajetos colônias/cidade. Esses estabelecimentos são em número de três: o Bar Hackbart, o Restaurante Liberdade e o Restaurante Buchweitz. No primeiro deles, ainda não foi realizado trabalho de campo para esta pesquisa. Nos outros dois, foi realizada observação participante, tendo sido o último o mais visitado dos dois.

4. O termo *colono* tem sua origem na administração colonial: “*para o Estado, eram colonos todos aqueles que recebiam um lote de terras em áreas destinadas à colonização*” (SEYFERTH, 1992, p.80). Para esta autora (1992, p.80), “*colono é a categoria designativa do camponês... e sua marca registrada é a posse de uma colônia... a pequena propriedade familiar*”. Assim, no sul do Brasil, reconhecem-se e são conhecidos como *colonos* os agricultores descendentes de imigrantes europeus - aí excetuados os portugueses - que vivem e trabalham na terra em unidade de produção familiar.

5. “A Pomerânia, palavra que significa em polonês ‘país ao longo do mar’, situava-se ao longo de toda a costa meridional do mar Báltico e entre os rios Oder e Vístula. (...) A Pomerânia como um todo fazia parte do Império Prussiano à época da imigração pomerana para o sul do Brasil” (SALAMONI, 2001, p.68). Além disso, os pomeranos possuíam seu dialeto próprio e a maioria dos colonos que migraram dessa região para o sul do Brasil mantiveram seu dialeto e costumes como marcadores de identidade, em contraste com os colonos alemães.

O RESTAURANTE BUCHWEITZ:



Fig. 1: Vista exterior do Restaurante Buchweitz

O Restaurante Buchweitz localiza-se na esquina de duas ruas importantes e movimentadas do dentro da cidade de Pelotas, junto a um dos terminais das linhas de ônibus que ligam a cidade e as colônias. O prédio em que se situa é uma construção antiga e bastante ampla e possui duas entradas e várias janelas. O interior é dividido em dois salões grandes, sendo que na parte da frente

da construção está a cozinha – que pode ser vista por uma porta entreaberta – e, nos fundos, há um pequeno pátio, onde se localizam os banheiros.

No primeiro salão fica o balcão e algumas poucas mesas. Nele se encontram, sobretudo, homens bebendo cerveja e conversando (em tom de voz elevado) entre si e com os funcionários do restaurante. A maioria se comunica em dialeto pomerano. Já no salão mais afastado, há um número bem maior de mesas e a cuba em que são servidas as comidas, em sistema de *buffet*. É nesse salão que se realiza o almoço e é onde a maior parte das mulheres permanece enquanto se encontram no estabelecimento. Durante o almoço, no salão do fundo, pode-se ouvir baixinho, quase imperceptível, uma marchinha de estilo germânico.

Grande parte dos frequentadores do Restaurante Buchweitz é composta por colonos que realizam suas refeições, compram passagens ou simplesmente aguardam o horário de seus ônibus dentro do estabelecimento. O proprietário do Restaurante Buchweitz vive na cidade Canguçu, próxima a Pelotas, município em que uma significativa parcela da população é formada por descendentes de origem alemã e pomerana. Ele, assim como sua família, que também trabalha no restaurante, tem o mesmo tipo físico da maior parte dos frequentadores do estabelecimento, podendo-se facilmente observar que há uma certa



Fig. 2: Vista interior do Restaurante Buchweitz

compatibilidade no modo de ser dele e de seus fregueses.

Nota-se também que esses camponeses sentem-se confortáveis neste espaço, possivelmente mais do que em outros ambientes – mais impessoais e individualizantes – da cidade. Transformam esse restaurante em um espaço de sociabilidade do tipo dos encontrados nas colônias: um espaço rural.

A comida servida não é muito diferente da encontrada em outros restaurantes da cidade, frequentados por sujeitos urbanos. Arroz, saladas, batata frita, frutas podem ser vistos nos pratos dos fregueses. As carnes são assadas em uma churrasqueira no fundo do prédio e levadas para o buffet pelo assador. O que difere, neste estabelecimento, é a forma como se produz a sociabilidade... ao que tudo indica, de forma análoga àquela encontrada na zona rural.

O RESTAURANTE LIBERDADE⁶:

O Restaurante Liberdade localiza-se na mesma quadra do Restaurante Buchweitz e, assim como este, junto a um terminal de ônibus das linhas distritais do município. Situa-se também em um prédio antigo, porém consideravelmente menor do que o Restaurante Buchweitz, com apenas uma porta e duas janelas. Seu interior é composto por um salão único, onde se localizam o balcão e as mesas.

Muitos dos frequentadores do estabelecimento são colonos que acessam o transporte coletivo em frente ao restaurante. Especialmente nos períodos da manhã e do meio da tarde em diante, o restaurante fica repleto de colonos. Entretanto, durante o almoço encontram-se vários sujeitos urbanos, muitos dos quais trabalham em lojas próximas ao estabelecimento e procuram esse restaurante, entre outros motivos, pelo fato do preço das refeições ser mais baixo do que na maioria dos restaurantes do centro. Além do buffet, com uma variedade de comida semelhante ao outro restaurante (arroz, saladas, etc.), e a churrasqueira, também ao fundo do prédio, este estabelecimento

6.Diferentemente do ocorrido em relação ao Restaurante Buchweitz, infelizmente – e devido à menor inserção em campo – ainda não foi possível fazer uso do registro fotográfico no Restaurante Liberdade.

também oferece a opção de *pratos feitos*, como o *ala minuta* (prato composto por arroz, feijão, bife de carne de rês, salada de alface e tomate, salada de batata e ovo frito).

O dono do Restaurante Liberdade é natural da cidade de Piratini e, antes de abrir o restaurante, teve vários outros empregos, como o de vendedor e o de soldado do exército. Pode ser caracterizado como um sujeito empreendedor e totalmente urbano. Embora mantenha relações amigáveis com muitos dos fregueses, conversando durante longos períodos, tratando-os de forma gentil, não parece manter uma interação tão estreita como a existente entre os frequentadores do Restaurante Buchweitz e o proprietário daquele estabelecimento, que parece mais identificado culturalmente com seus clientes do que o proprietário do Restaurante Liberdade.

Apesar do Restaurante Liberdade receber um maior número de pessoas com atividades e valores urbanos do que o Restaurante Buchweitz, em determinados períodos do dia, próximo aos horários em que chegam e partem os ônibus, o estabelecimento se torna um espaço de sociabilidade basicamente colona: tais sujeitos parecem conviver e expressar-se nesse espaço segundo a lógica camponesa de ser no mundo.

O RURAL E O URBANO NO MUNICÍPIO DE PELOTAS

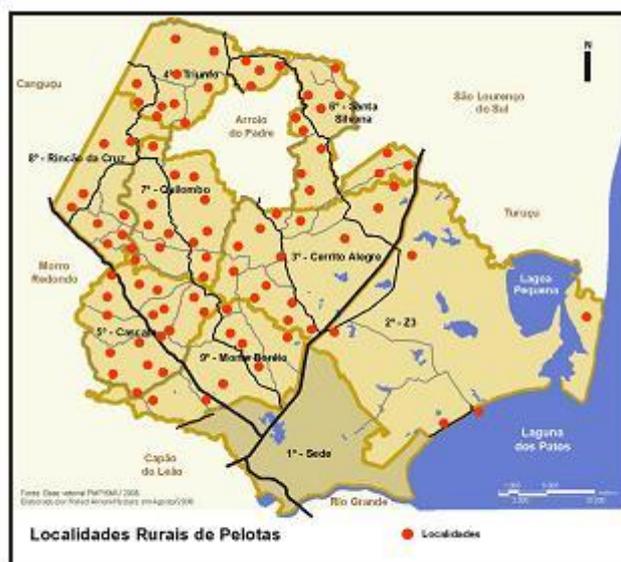


Fig. 3: Zona Rural de Pelotas em 2008.

Mapa das Localidades identificadas na zona rural do município de Pelotas, indicadas pelos pontos vermelhos.

Fonte: Base vetorial PMP/SMU2006. Elaborado por Rafael Arnoni/Hectare em Ago/2006 apud Silva (2009).

A formação social da região de Pelotas, localizada ao sul do Rio Grande do Sul, preserva a dubiedade de sua caracterização fisiográfica. Assim, sucedendo-se à presença indígena, enquanto que a Planície Costeira Interna teve sua ocupação marcada pelas grandes fazendas de gado e charqueadas, de propriedade de descendentes de colonizadores ibéricos e movidas por trabalho negro escravo, na zona correspondente ao Planalto Sul-Rio-Grandense, o povoamento deu-se a partir de pequenas unidades familiares policultoras, em núcleos coloniais constituídos por imigrantes europeus (não-portugueses) de diferentes nacionalidades – alemães, franceses, italianos e pomeranos –, num processo histórico de colonização que pode ser caracterizado como referente a uma *cultura camponesa compartilhada*⁷.

Como apontado em trabalho anterior (Schneider; Menasche, 2009), o município de Pelotas foi, historicamente, constituído em torno de uma atividade econômica que renunciou sua vocação para a cultura urbana: o charque⁸. As indústrias de charque eram propriedades semi-urbanas e foi a partir delas que se constituiu o perímetro urbano de Pelotas. Até o final do século XIX, Pelotas foi uma das cidades de maior relevância econômica do Estado do Rio Grande do Sul. Nos anos 1880, sua população equiparava-se às de cidades como Porto Alegre e São Paulo⁹, que atualmente desfrutam de importância incomparável (MAGALHÃES, 1993). Contudo, ainda hoje, apesar da decadência econômica, Pelotas continua a ser uma referência em urbanidade para a região sul do Estado.

Apesar da forte influência cultural urbana, podemos evidenciar, especialmente a partir da constituição das colônias, a presença também de culturas rurais no município. As práticas e valores desses grupos rurais são em boa medida distintos daqueles

7 Tal como discutido em Seyferth (1994).

8. O charque foi o principal alimento na região de Pelotas e exportado para todo o Brasil e para o exterior até o final do século XIX. Constituiu a alimentação central dos escravos brasileiros no período escravocrata. Semelhante ao que em outras regiões do país se conhece por carne seca, ou carne de sol. “Uma vez morto e esfolado o gado, arranca-se a carne dos flancos numa só peça larga, algo de semelhante a um pano de toucinho; salpica-se por cima ligeiramente com sal e seca-se ao sol” (LUCCOCK, 1809 *apud* MAGALHÃES, 2000)

9. Em 1880, “Pelotas teria praticamente a mesma população de Porto Alegre e São Paulo (mas umas dez vezes menor que a do Rio de Janeiro)” (MAGALHÃES, 1993, p.32).

encontrados nos centros urbanos: a família é bastante valorizada, em detrimento do *indivíduo* – posto em particular evidência nas sociedades urbanas contemporâneas; o trabalho, as refeições, as festas são todas dimensões da vida social realizadas no seio da família e da comunidade rural. Ainda, a “ética camponesa” (Woortmann, 1990) difere de forma significativa do sistema de valores presente na cultura urbana.

Assim, mais do que observar algo que talvez pudéssemos chamar de *cultura pelotense*, pode-se constatar a presença de culturas distintas, matizadas pela presença de elementos rurais nas colônias do município e urbanos na área central da cidade.

Todavia, como já pode ser demonstrado em trabalho anterior (Schneider; Menasche, 2009), essas fronteiras não são rígidas, mas bastante fluidas. Rural e urbano estabelecem inúmeros pontos de intersecção. Moradores das cidades passam seus fins de semana no campo, bem como moradores das colônias vêm até a cidade em busca de determinados produtos e, nesses percursos, estabelecem pontos de referência de suas identidades e seu modos de vida e de ser no mundo.

ESPAÇOS “COLONIAIS” X PEDAÇOS RURAIS



Fig. 4: Vista interior do Café Pomerano

Como observou Menasche (2009, p.7), os sujeitos urbanos produzem “a partir da afirmação da ruralidade enquanto atributo do alimento desejado, uma idealização do campo”. Cada vez mais os moradores das zonas urbanas parecem valorizar positivamente o consumo de “alimentos naturais”, que não tenham perdido a ligação com o rural em que foram produzidos. A partir de tal idealização, valorizam também a vida no meio rural de uma forma mais ampla, permeada, segundo esse ideário, de um vínculo mais estreito com a natureza e com práticas mais saudáveis de vida.

Na esteira desse processo de valorização do rural, surgem inúmeros estabelecimentos dispostos a comercializar *refeições coloniais* (principalmente fartos “cafés coloniais”, mas, em alguma medida, também almoços). Essas refeições supostamente remetem a uma alimentação consumida no campo, nas colônias em que os imigrantes desbravadores um dia se estabeleceram. Tais refeições são



Fig. 4: Vista interior do Café Pomerano

compostas de uma quantidade bastante grande de pratos: pães, bolachas, bolos, cucas (pães doces de origem alemã), carne de porco, queijos, salames, doces de frutas, além das frutas *in natura*, entre tantos outros. Comidas consideradas *fortes* pela maioria dos frequentadores e que estariam associadas à alimentação de agricultores, ao grande esforço físico por eles despendido na lida no campo. Segundo Woortmann (2007) a *comida forte* nos grupos camponeses estaria relacionada à reposição de energia gasta no *trabalho forte*.

Os almoços e cafés oferecidos nesses estabelecimentos correspondem ao *emblema*, à idealização que, na cidade, observamos em relação ao rural e à alimentação colona. Não correspondem, assim, ao cotidiano dos colonos concretos, que consomem tanto sua própria produção quanto alimentos industrializados e que, certamente, não se nutrem diariamente de forma tão abundante.

É na contramarcha desse processo que podemos situar o Restaurante Buchweitz e o Restaurante Liberdade. Silva (2009), também refletindo sobre as relações entre campo e cidade no município de Pelotas, os denomina “núcleos rurais em área urbana”, apresentando-os como contraponto aos “núcleos urbanos em áreas rurais” – locais no campo habitados/frequentados por sujeitos urbanos.



Fig. 4: Vista interior do Restaurante Buchweitz

Esses estabelecimentos não se propõem a oferecer à população urbana o consumo de um imaginário rural, mas constituem-se em ambientes colonos na cidade, constituído *para e por* colonos. Apesar de serem

frequentados, majoritariamente, por colonos, admitem também a presença de sujeitos urbanos, o que propicia encontros e trocas entre sujeitos rurais e urbanos, o contato de suas culturas.

Eles rompem com a imagem emblemática, estereotipada da alimentação colona, o que pode ser evidenciado pela comercialização de produtos industrializados, como salgadinhos e sorvetes, e pela comida servida, mais próxima daquela encontrada no cotidiano desses sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PEDAÇOS RURAIS

A sensação que tais “núcleos rurais em área urbana” nos transmitem é a de estarmos no ambiente da colônia, não em meio ao centro da cidade. E, como vimos, tal efeito não deriva de uma intenção consciente de vender um imaginário rural para sujeitos urbanos, mas sim do fato de constituir-se em um espaço eminentemente rural estabelecido em meio à cidade.

Embora sejam espaços “públicos”, estão longe de cumprir a lógica de impessoalidade e individualidade vigente na maioria dos estabelecimentos comerciais “modernos”. São frequentados por grupos culturais específicos (rurais) que, entretanto, não detêm o monopólio da utilização desses espaços e, por isso, tais estabelecimentos tampouco se caracterizam como espaços privados de sociabilidade. Embora estejam encravados no meio de um centro urbano, esses núcleos simbolizam o mundo rural. Ainda que sejam estabelecimentos comerciais, as relações estão pautadas, em grande medida, na amizade e na cooperação. São, sem dúvida, locais privilegiados de observação, podendo ser entendidos como espaços intermediários entre o íntimo da casa e o público da rua (Da Matta, 1991), parte do universo cultural de grupos camponeses.

Para buscar entender os significados dos espaços rurais estabelecidos em área urbana, partimos da estratégia etnográfica “*de perto e de dentro*” proposta por Magnani (2002). Tal estratégia, segundo o autor, “supõe um investimento em ambos os pólos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não

como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise” (Magnani, 2002, p.18). Nesse sentido, os espaços urbanos, frequentados por diferentes grupos culturais, seriam identificados e descritos por categorias que conformariam uma “família” terminológica: “*pedaço, mancha, trajeto, pórtico e circuito*”. Neste trabalho, lançamos mão da categoria de *pedaço*, por ser a mais pertinente para a análise dos “núcleos rurais em área urbana”, em foco.

Pedaço, para Magnani, seria o espaço que é “ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações” (Magnani, 2002, p.21). No caso do centro urbano de Pelotas, o que se observa é que seja para esperarem os ônibus que os levarão de volta para a colônia, seja para comprar suas passagens, para realizar uma refeição ou mesmo para encontrar pessoas conhecidas e concretizar práticas de sociabilidade, os restaurantes Buchweitz e Liberdade constituem-se exatamente enquanto principais *pontos de referência* na cidade desses grupos de agricultores.

Embora a noção de *pedaço* abrigue em si, por um lado, um elemento de ordem espacial – um território demarcado ou constituído por certos equipamentos (no caso observado, restaurantes e paradas de ônibus com endereços fixos) – e, por outro a ideia de uma rede de relações estendida sobre esse território – igualmente nesse caso, relações pautadas por uma lógica de *campesinidade* (Woortmann, 1990), como exposto acima – não se trata, como bem frisa o autor, de uma pressuposição de totalidade – como nas análises funcionalistas – que evocaria “um todo orgânico, funcional, sem conflitos, tampouco se trata de uma totalidade de que coincide, no caso da cidade com os seus limites político-administrativos” (Magnani, 2002, pp.18-19). De forma semelhante, ao analisar o emprego da abordagem funcionalista, dessa vez nos estudos rurais, Jonh Comerford (2005), defende a ideia de que uma comunidade rural definir-se-ia enquanto um grupo concreto, delimitado por seu território e sua atividade, e ao mesmo tempo, enquanto uma rede de relações sociais.

Assim sendo, entende-se que um grupo pode espalhar-se sem por isso perder sua especificidade. Ao pensarmos as comunidades rural em suas bases sociológicas (como uma rede de relações) conseguimos entender a constituição de *pedaços* dessas comunidade em meios físicos e territoriais adversos, como a cidade, por exemplo, uma

vez que esses sujeitos não tem suas culturas amarradas tão somente ao território onde circulam a maior parte do tempo, mas sim concebem suas crenças, práticas e valores muito em função da rede social a que são vinculados, independentemente do meio ambiente em volta.

Desse modo, à luz do conceito de *pedaço* cunhado por Magnani (2002) para interpretar a constituição de espaços de grupos urbanos na extensão da cidade, propomos aqui identificar os estabelecimentos alimentares descritos acima, localizados no centro da cidade de Pelotas como também sendo *pedaços*, porém não de grupos urbanos, mas sim *pedaços* rurais.

REFERÊNCIAS:

COMERFORD, John. Comunidade Rural. In: MOTTA, Márcia (Org.). **Dicionário da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DA MATTA, Roberto. **A Casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Ed. UFPel/Livraria Mundial, 1993.

_____. **Pelotas: toda a prosa**. Pelotas: Armazém Literário, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.17, n.49, pp.11-29, 2002.

MENASCHE, Renata. Percepções do rural à mesa: campo e cidade, comida e imaginário. In: **53º Congresso Internacional de Americanistas**. Cidade do México, 2009.

SALAMONI, Giancarla. A imigração alemã no Rio Grande do Sul - o caso da comunidade pomerana de Pelotas. **História em Revista**, Pelotas, v.7, pp. 25-42, 2001.

SCHNEIDER, Maurício Dias; MENASCHE, Renata. Culturas em contato: o rural no centro da cidade de Pelotas. In: XVIII CIC, 2009, Pelotas. **Anais do XVIII CIC**. CD-ROM.

SEYFERTH, Giralda. As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.7 n.18, pp.78-95, 1992.

_____. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas: ULBRA, 1994.

SILVA, Karen Melo da. **Patrimônio cultural, ruralidade e identidade territorial: diversidade na Colônia de Pelotas-RS**. Pelotas: UFPEL, 2009. 228f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Padrões Tradicionais e Modernização: Comida e Trabalho entre Camponeses Teuto-brasileiros. In: MENASCHE, Renata (Org.). **A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

WOORTMANN, Klaas. “Com parente não se neguceia”: o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico/87**, Brasília, Tempo Brasileiro/UNB, 1990.